

O ANO LITÚRGICO
E AS SUAS PRINCIPAIS CELEBRAÇÕES

Coleção **CELEBRAÇÃO DA FÉ**

- *Ano litúrgico e as suas principais celebrações (O): subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes*, Edson Adolfo Deretti
- *Celebrações explicadas aos coroinhas e acólitos (As)*, Edson Adolfo Deretti
- *Luz perpétua (A): roteiro para celebrações fúnebres*, José Carlos Pereira
- *Missa (A): subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes*, Edson Adolfo Deretti
- *Sugestões para dinamizar as celebrações: celebrar com gestos e símbolos (Ano A, B, C)*, José Carlos Pereira
- *Tríduo do(a) padroeiro(a): sugestões para organizar um tríduo em preparação à festa do(a) padroeiro(a) da paróquia*, José Carlos Pereira

Edson Adolfo Deretti

O ANO LITÚRGICO E AS SUAS PRINCIPAIS CELEBRAÇÕES

Subsídio para coroinhas, acólitos,
cerimoniários e demais fiéis celebrantes



Direção editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Capa
Karine Pereira dos Santos

Imagem da Capa
iStock

Editoração, impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Deretti, Edson Adolfo

O ano litúrgico e as suas principais celebrações: subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes / Edson Adolfo Deretti. — São Paulo: Paulus, 2019.

Coleção Celebração da fé.

ISBN 978-85-349-4898-2

1. Celebrações litúrgicas 2. Celebrações litúrgicas - História 3. Igreja Católica - Liturgia - Manuais, guias, etc. 4. Acólitos 5. Coroinhas I. Título II. Série

19-0109

CDD 264.02

CDU 264.02

Índice para catálogo sistemático:

1. Celebrações litúrgicas: Igreja Católica 264.02



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2019

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4898-2

SIGLAS E ABREVIATURAS

1Mc	=	Primeiro Livro dos Macabeus
2Cr	=	Segundo Livro de Crônicas
1Pd	=	Primeiro Livro de Pedro
AAS	=	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
ALi	=	Antologia litúrgica – textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio
At	=	Livro dos Atos dos Apóstolos
CB	=	Cerimonial dos Bispos
Cf.	=	Conferir
Dt	=	Livro do Deuteronômio
Etc.	=	Entre outras coisas
Ex	=	Livro do Êxodo
<i>Ibid.</i>	=	<i>Ibidem</i> , o mesmo autor e a mesma obra
IGMR	=	Instrução Geral do Missal Romano
ILM	=	Introdução ao Lecionário da Missa
<i>In</i>	=	na, dentro de: para uso nas notas e bibliografia
LG	=	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
Lv	=	Livro do Levítico
Mt	=	Evangelho de São Mateus
NGC	=	Normas gerais para o ordenamento do ano litúrgico e do calendário
Org./orgs.	=	Organizador/organizadores
PR	=	Pontifical Romano
PS	=	<i>Paschalis Sollemnitatis</i>
RB	=	Ritual de Batismo
RICA	=	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SC	=	Constituição Conciliar <i>Sacrosanctum Concilium</i>
Sl	=	Livro dos Salmos

INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o ano litúrgico, faz-se memória do mistério pascal que, em uma única palavra, é Cristo. É Ele o Mistério e também a nossa salvação. Nesse sentido, fazer memória do Mistério é fazer experiência da salvação.

Mas, não somente Cristo, como também as suas ações, têm valor salvífico, isto é, trazem a salvação. Isso porque essas ações são mistérios do Mistério. “Os diversos momentos, episódios e atos da vida de Cristo são chamados de ‘mistérios’, porque acontecem no ‘mistério’, na própria humanidade de Cristo [...]”.¹ E todos esses mistérios, ao longo das celebrações do ano litúrgico, são atualizados pelos fiéis celebrantes que têm a consciência de que precisam viver a partir dos ritos celebrados.

Este subsídio, estritamente falando, não traz novidades históricas, teológicas ou litúrgicas a respeito do ano litúrgico. Todavia, pretende oferecer aos seus leitores, a começar pelos coroinhas, acólitos e cerimoniários e, depois desses, a todos os fiéis celebrantes, uma síntese bem fundamentada daquilo que lhes é essencial para, enquanto leigos e leigas, bem celebrarem os santos mistérios, ao longo de todo o ano litúrgico. E, além dessa síntese doutrinal, que tem a todos os leitores como destinatários, uma parte bem específica, cujos destinatários são os coroinhas, os acólitos, os cerimoniários e os demais membros de equipes de liturgia: a explicação, passo a passo, de praticamente todas as celebrações que acontecem no ano litúrgico.

¹ BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*, 69. São Paulo: Edições Paulinas, 2002. Original: *Cristo, festa della Chiesa*, Edizioni Paoline s.r.l., Cinisello Balsamo, tradução de Euclides Martins Balancin.

Os sete capítulos que seguem são um convite a mergulhar na riqueza, na beleza, na verdade e na espiritualidade que brotam das celebrações que anualmente todos os fiéis, batizados em Cristo, têm a oportunidade de celebrar e de ser iniciados nos mistérios do Mistério. Se, de alguma forma, este subsídio leva alguém a celebrar melhor, então o seu objetivo principal foi alcançado.

Capítulo I

O DOMINGO: PONTO DE PARTIDA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ANO LITÚRGICO

No dia que se chama do Sol (domingo), celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos as nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, são oferecidos pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”. Vêm depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos.¹

Em cada domingo do ano litúrgico, a Páscoa de Cristo atualiza-se na Páscoa do fiel que participa da liturgia divina, a sagrada celebração da Eucaristia. O dia do domingo sempre foi e será o centro do ano litúrgico. Contudo, cada domingo tem um sabor diferente, porque o mistério que a partir dele se atualiza da vida de Cristo é diferente.

Para se celebrar ritualmente bem o domingo, deve-se saber beber da espiritualidade litúrgica de cada tempo do ano litúrgico. O domingo do Tempo Quaresmal é vivido diferentemente do domingo do Tempo do Advento, por exemplo, embora o dia da semana seja o mesmo, assim como praticamente o rito.

Por isso, antes de se conhecer melhor as rubricas propostas para as Missas dominicais, faz bem a todos os fiéis celebrantes mergulhar um pouco na história do ano litúrgico para, a partir daí, beber da principal fonte da espiritualidade cristã: a Missa,

¹ SÃO JUSTINO DE ROMA. *Apologia I*, 67,3-5.7, in Justino de Roma – *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*, 83-84. São Paulo: Paulus, 2016, 5ª reimpressão.

que, sem espiritualidade e piedade, reduz-se apenas a uma sequência de gestos belos, mas não salvíficos.

1.1 Aspectos históricos do domingo

“No início da liturgia cristã, a única festa era o domingo.”² A cada oito dias, no amanhecer ou no entardecer do domingo, os cristãos se reuniam para a celebração eucarística. Na *Didaqué*, escrita entre os anos 90 e 100 (primeiro documento cristão, excluídos os textos neotestamentários), encontra-se a seguinte afirmação: “Reúnam-se no dia do Senhor [no domingo] para partir o pão [a Eucaristia] e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro”.³ E a Carta de Barnabé, redigida entre os anos 115 e 138, explica o porquê de os cristãos celebrarem a Eucaristia no domingo: “Eis por que celebramos como festa alegre o oitavo dia [o domingo], no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de se manifestar, subiu aos Céus”.⁴ Todavia, o documento mais famoso a respeito da afirmação do domingo como o dia da Eucaristia é o que foi escrito em torno do ano 150 pelo mártir São Justino (100-165), intitulado “Apologia I”. Nesse escrito, São Justino descreve com detalhes o rito da celebração eucarística, no dia do domingo.

No dia que se chama do Sol [domingo], celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos as nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, são oferecidos pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”. Vêm depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos

² BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico...*, 105.

³ “Didaqué ou Doutrina dos Doze Apóstolos”, 14, in VV.AA. *Padres Apostólicos*, 352. São Paulo: Paulus, 2017, 7ª reimpressão.

⁴ “Carta de Barnabé”, 15,9, in VV.AA., *Padres Apostólicos...*, 310.

ausentes pelos diáconos. [...] Celebramos essa reunião geral no dia do Sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do dia de Saturno [sábado] e, no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame.⁵

Por aproximadamente três séculos, o domingo não tinha outro nome – domingo do Advento, domingo da Quaresma, domingo da Páscoa... – senão o de domingo. E, durante esse período, tinha-se consciência de que em todo domingo fazia-se memória da Páscoa de Cristo, como atesta o primeiro historiador da Igreja, Eusébio de Cesareia, na obra *Sobre a Páscoa*, escrita antes do ano 335:

Enquanto os judeus, segundo a lei mosaica, sacrificavam o cordeiro pascal só uma vez em cada ano, no décimo quarto dia do primeiro mês, ao cair da tarde, nós, os fiéis da nova aliança, celebrando a nossa Páscoa em cada dia do Senhor, saciamo-nos sempre com o Corpo do Salvador, tomamos sempre parte no Sangue do Cordeiro [...], sempre em viagem para Deus, celebrando sempre a festa da Passagem. A palavra evangélica manda-nos, de fato, fazer essas coisas não só uma vez ao ano, mas todos os dias. Por isso, todas as semanas, no dia salvador do domingo, celebramos a festa da nossa Páscoa, cumprindo os mistérios do verdadeiro Cordeiro, pelo qual fomos redimidos.⁶

Deve-se ainda dizer que já nos tempos de São Cipriano (nascido entre 200-210 e martirizado em 258), a Eucaristia era celebrada diariamente, como ele mesmo atesta: “Lança-se sobre nós uma luta mais dura e feroz, para a qual devem dispor-se os soldados de Cristo mediante uma fé íntegra e uma coragem robusta, pensando para isso que **todos os dias**⁷ bebem o cálice do Sangue de Cristo, com o fim de poderem derramar, por sua vez, o seu cálice por Cristo”.⁸ Outro texto que corrobora a Eucaristia

⁵ SÃO JUSTINO DE ROMA. *Apologia I*, 67,3-5.7, in Justino de Roma..., 83-84.

⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA. *Sobre a Páscoa*, 3, citado por ALi, 355.

⁷ Negrito por conta do autor.

⁸ SÃO CIPRIANO. *Carta 58,1*, citado por ALi, 298-299.

diária foi escrito em 372, por São Basílio de Cesareia (330-379): “Comungar todos os dias e participar do sagrado Corpo e Sangue de Cristo é bom e muito útil [...]. Haverá alguém que ponha em dúvida que a participação contínua da vida corresponde a viver com maior intensidade? Nós comungamos quatro vezes por semana: no domingo, na quarta-feira, na sexta-feira e no sábado, e ainda noutros dias quando se faz a comemoração de algum santo”.⁹ Há, ainda, o texto, de Dídimo, o cego (313-398), redigido entre os anos 381 e 382: “Celebramos a Páscoa todos os anos e também todos os dias, ou antes, a qualquer hora [podia participar-se da Eucaristia a qualquer hora, porque se podia comungar privadamente em casa todas as vezes que se quisesse], todas as vezes que participamos do Corpo e do Sangue do Senhor”.¹⁰

Por fim, faz-se necessário mencionar outro dado histórico: entre os séculos II e III, além da celebração semanal da Páscoa, estabeleceu-se um domingo por ano para a celebração anual da Páscoa e, com isso, nasceu o primeiro grande ciclo do calendário litúrgico: o Ciclo da Páscoa.

1.2 A teologia e espiritualidade do domingo

Quando se lê o primeiro capítulo do Gênesis e os olhos se fixam na afirmação: “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação” (Gn 2,2-3), pode-se pensar que, na história do judaísmo, o sábado (o “sétimo dia”) desde sempre foi um “dia santo”, guardado para o Senhor. Entretanto, não foi assim. Foram necessários séculos para o sábado tornar-se o “dia do Senhor” para o judeu.

O texto acima citado é um escrito do séc. VI a.C. Nesse período, o povo de Israel estava passando por grandes sofrimentos longe de sua terra. Estavam exilados em terras estrangeiras. Tais

⁹ BASÍLIO DE CESAREIA. *Carta 93*, citado por ALI, 405.

¹⁰ DÍDIMO, O CEGO. *Sobre a Trindade*, Livro III, 21, citado por ALI, 549.

experiências desoladoras fortaleceram a necessidade do povo fiel ao Senhor de, durante a semana, dedicar um dia a Ele. Assim, a partir do pós-exílio, falou-se muito do “sétimo dia” como o dia abençoado e santificado pelo Senhor. Aos poucos, essa teologia foi entrando no coração dos judeus e, mais e mais, o dia foi ao Senhor consagrado. Além de todo o significado espiritual para os judeus, guardar o “sétimo dia” também os fez diferenciar dos outros povos, que não tinham essa prática.

Jesus observou e viveu o sétimo dia como um judeu de muita fé. Não mudou em nada essa observância. Mas, a partir da experiência do Cristo ressuscitado no “primeiro dia” da semana (cf. Mt 28,1-6; Mc 16,1-6; Lc 24,1-6; Jo 20,1-3), deixou-se de guardar o “sétimo dia” para se guardar o “primeiro dia” da semana: para o judeu, o sábado; para o cristão, o domingo.

Mas, se na história de formação do povo judeu a santificação do sábado não aconteceu repentinamente, para os primeiros cristãos a ruptura foi rápida. Logo de início, embora participando das orações no Templo, eles trataram de celebrar a fração do pão no “primeiro dia” da semana. Não demorou muito, este “primeiro dia” passou a se chamar *dies domini*, dia do Senhor, domingo.

Diante disso, no domingo, desde os tempos apostólicos, mesmo não sendo esse um dia santo e livre do trabalho, os cristãos encontravam-se, ou ao amanhecer ou ao entardecer, para a celebração eucarística (denominada naquele tempo de fração do pão – cf. At 2,42-47). Na visão deles, seria inconcebível um domingo sem a Eucaristia e a Eucaristia sem o domingo.

Foi somente no século IV que o domingo tornou-se um dia livre do trabalho. Mesmo assim, de princípio, muitos bispos acreditavam que o dia livre poderia afastar o cristão do reto caminho. Por isso, insistiam para que, mesmo sem trabalho, o domingo fosse de muitas atividades. Mas a partir do século V, os olhares foram mudando e passou-se a ver a ociosidade como algo bom para o cristão, desde que vivida a partir de Cristo.

Com efeito, no domingo, a hora mais importante era a da Eucaristia, do encontro da comunidade para a memória da Páscoa de

Cristo. De início, todos os domingos eram dias para essa memória. E assim, todos os domingos eram também dias para a Páscoa cristã. Todavia, paulatinamente, por motivos inúmeros, algumas celebrações diferentes foram sendo necessárias (desde o estabelecimento de uma data para se celebrar solenemente a festa da Páscoa, até uma data para se celebrar o nascimento de Cristo). Dessa forma, o calendário litúrgico foi sendo gestado desde o final do século II até meados do século VIII, um tempo bastante longo, mas necessário, de muita maturação.

Ao longo desse período, muitas crises de fé foram vividas pelos cristãos. Nenhuma, contudo, questionou o dia do domingo como o dia do Senhor. Foi uma instituição firme e segura, que perpassou os séculos, tendo o mesmo sentido sagrado, embora não sempre sendo guardado por todos.

O dia que continua a identificar os cristãos, por excelência, foi, é e será o domingo. Nesse dia, os cristãos congregam-se em comunidade, ouvem a Palavra de Deus, professam sua fé e comungam a Eucaristia. Desse encontro comunitário vem o alimento espiritual para o cristão ser, no mundo, *outro* Cristo. Celebrando a Eucaristia dominical, ano após ano, de Advento a Advento, os cristãos, presididos por seu bispo e por seus presbíteros, fazem a cada domingo a memória da Páscoa de Cristo e atualizam em suas vidas o mistério celebrado.

Por isso, deveria ser um dia inegociável. Participar da Eucaristia, servir à comunidade no dia do Senhor, aproximar-se da mesa da Palavra e da Eucaristia, viver a Páscoa dominical... deveria ser a prioridade de todo cristão. E como são belas e profundas as liturgias dominicais e feriais! São, numa única palavra, mistagógicas!¹¹

¹¹ Mistagogia: do grego *mystagogia*, iniciação aos mistérios. Quando se diz, então, que a celebração eucarística é mistagógica, afirma-se que por ela se chega a Deus por Jesus Cristo, pois celebrando-a Ele se torna conhecido e amado.